

ECOVILAS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS: A RELAÇÃO ENTRE DIFERENTES COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS ODS 11

Letícia Vitória Pinto de Oliveira (Universidade de Taubaté)¹

Lourival Galvão da Cruz Junior (Universidade de Taubaté)²

Silvio Luiz da Costa (Universidade de Taubaté)³

Resumo

Este artigo aborda as origens, características, práticas e valores das Ecovilas e Quilombos com a intenção de entender semelhanças e diferenças e como cada um desses dois modelos de assentamentos humanos contribui para o desenvolvimento sustentável, a preservação cultural e a construção de sociedades justas, equitativas e harmoniosas. O método, de caráter exploratório com abordagem qualitativa baseada em pesquisa bibliográfica e documental, permitiu observar como se ligam os conceitos de economia criativa, saberes e fazeres tradicionais, levando este estudo a concluir que, enquanto as ecovilas são modelos intencionais de assentamentos humanos sustentáveis, os quilombos são comunidades tradicionais que incorporam princípios de sustentabilidade de forma ancestral e culturalmente específica.

Palavras-chave: Quilombos. Ecovila. Comunidades sustentáveis. Desenvolvimento.

Introdução

Desde as primeiras civilizações na Mesopotâmia até as comunas do século XX, o ser humano buscou diferentes formas que permitissem como seu grupo social lidar com o território, o ecossistema ao seu redor e as relações interpessoais. Do imperialismo à adaptação ao mercantilismo e, posteriormente, ao capitalismo, parte desses modelos culminou naquilo que são, hoje, os grandes centros urbanos. Mas algumas comunidades vão contra essa corrente, apresentando propostas diferentes e ecológicas, como no caso das ecovilas e dos quilombos. Embora distintos em suas origens e contextos históricos, tais modelos de assentamentos compartilham valores e práticas relacionados à sustentabilidade, comunidade e relação com o território.

¹ Graduada em Relações Públicas e Mestranda em Planejamento e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté. E-mail: leticia.vpoliveira@unitau.br

² Doutor com pós-doutorado e professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté - UNITAU, Taubaté, SP - Brasil. E-mail: galvao.junior@unitau.br

³ Doutor e professor do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté - UNITAU, Taubaté, SP - Brasil. E-mail: silvio.lcosta@unitau.br

As ecovilas surgiram no cenário global entre as décadas de 1970 e 1980, influenciadas pelos movimentos de contracultura e pela crescente preocupação com práticas e estilos de vida mais sustentáveis e harmoniosos com o meio ambiente (A.D., 2024). Esses assentamentos, projetados para serem social, econômica e ecologicamente sustentáveis, representam uma resposta criativa aos desafios ambientais e sociais da modernidade inclinada à promoção da autossuficiência, da cooperação comunitária e do cuidado com o meio ambiente.

De outro lado estão os quilombos, que têm raízes na história brasileira como comunidades tradicionais de descendentes de escravizados que se estabeleceram em áreas rurais como forma de resistência e autonomia frente ao sistema escravista prevalente até o século XIX no país. Essas comunidades, que datam do período da escravidão legal no Brasil, representam um símbolo de resistência, luta e resiliência, sendo reconhecidas pela conexão com o território, práticas agrícolas sustentáveis e organização comunitária baseada em laços familiares e solidariedade.

Apesar das diferenças históricas e culturais que caracterizam ecovilas e quilombos, ambas representam abordagem alternativa e comunitária à organização social e ao uso da terra. Esses modelos valorizam a harmonia com o meio ambiente, promovem relações sociais saudáveis, democracia participativa e tomada de decisão comunitária. Além disso, tanto as ecovilas quanto os quilombos têm relação com o território e a natureza quando buscam entender o ambiente ao redor como essencial à existência e bem-estar social.

Pelo exposto, nota-se como oportuno analisar qual a relação entre ecovilas e comunidades quilombolas, condição que motiva este artigo, que explora origens, características, práticas e valores desses dois modelos de assentamentos humanos a fim de entender suas semelhanças e diferenças e como cada um contribui para o desenvolvimento sustentável, a preservação cultural e a construção de sociedades mais justas, equitativas e harmoniosas.

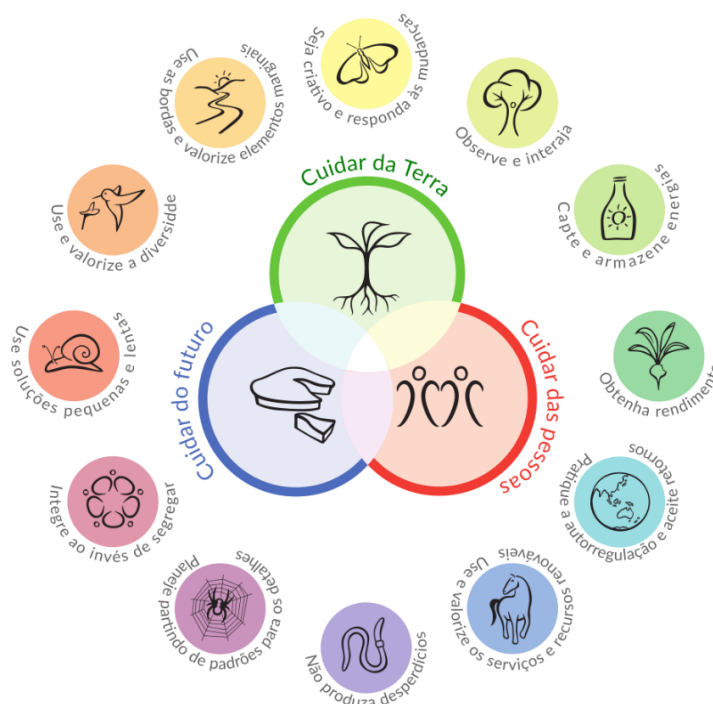
Revisão de Literatura - Ecovilas: sustentabilidade e moradia

Ecovilas são assentamentos humanos, tradicionais ou intencionais projetados para serem social, econômica e ecologicamente sustentáveis. O conceito de ecovila começou a ganhar forma nas décadas de 1970 e 1980, marcadas pelo

contexto dos movimentos de contracultura que questionava os valores e práticas dominantes da sociedade industrializada e de um crescente interesse global por práticas e estilos de vida sustentáveis e harmoniosos com o meio ambiente. Para Ferreira (2020), “uma ecovila é um assentamento ecológico, um lugar onde algumas ou várias pessoas vivem em busca de uma vida de baixo impacto ambiental e grande cooperação social”. Fruto de mudanças sociais extremas e de conflitos que marcaram gerações, as ecovilas foram fundamentadas em três importantes marcos. O primeiro deles, os movimentos de contracultura, foi abrangente em todo o planeta e incluía várias áreas da luta socioambiental. O foco era o combate a ideologia capitalista e o consumismo, tendo pautas a defesa de diferentes em diferentes grupos. Movimentos como os *hippies*, *beatniks*, *punks*, anarquistas, *kawaii* e tropicalistas são considerados parte da contracultura insurgente do século XX.

A permacultura, princípio desenvolvido por Bill Mollison e David Holmgren na década de 1970, teve influência no desenvolvimento do conceito de ecovilas. Derivada do termo em inglês “*Permanent Agriculture*”, a permacultura foi conhecida como “cultura permanente”, por abranger uma gama de conhecimentos oriundos de diversas áreas científicas, indo muito além da agricultura (Santos e Venturi, 2023, online). A permacultura ofereceu um conjunto de diretrizes e princípios para o *design* sustentável de assentamentos humanos em harmonia com os ecossistemas naturais, tendo como premissa cuidar da terra, das pessoas e do futuro (Ferreira, 2020). A figura 1 esquematiza os 12 princípios da permacultura e suas éticas guia:

Figura 1 – Princípios da permacultura



Fonte: UFSC (2013).

O conceito de ecovila começou a se desenvolver e se expandir de forma mais popular nas décadas de 1980 e 1990, com a fundação de representações ao redor do mundo e a formação de redes e organizações dedicadas à promoção e apoio às ecovilas. Essas redes ajudam interessados a conhecerem as ecovilas, participar do ecoturismo e trabalho voluntário e até se mudarem de forma definitiva para o local. Alguns exemplos pioneiros incluem a comunidade de *Findhorn*, na Escócia, fundada em 1962, e de *Auroville*, na Índia, fundada em 1968.

Findhorn é uma das ecovilas mais antigas do mundo, amplamente conhecida por suas práticas de permacultura e espiritualidade ao norte do Reino Unido.

Figura 2 – Casas em barris de *whiskey* em Findhorn



Fonte: Divulgação Findhorn (2017)

Figura 3 – Casa com painéis solares em Findhorn



Fonte: Alamy Stock Photo (2023)

Já *Auroville* é uma cidade internacional dedicada à paz, sustentabilidade e realização humana, com uma população diversificada de residentes vindos de 124 nações e 23 estados indianos.

Figura 4 – Países na inauguração da ecovila Auroville em 1968



Fonte: Divulgação/Auroville (2023).

Figura 5 – Inauguração da ecovila Auroville em 1968



Fonte: Divulgação/ Auroville (2023).

Figura 6 – Matrimandir no centro de Auroville



Fonte: Getty (2023).

Nas últimas décadas, o conceito de ecovila continuou a se desenvolver e se consolidar com a formação de redes globais, como a *Global Ecovillage Network* (GEN), fundada em 1995 e que atuou na promoção e disseminação do conceito de ecovila em todo o mundo. Ferreira explica que:

Diferentemente dos bairros e cidades que vemos hoje em dia, desenvolvidos sem planejamento e objetivos em comum, as comunidades ecológicas possuem diretrizes que são decididas coletivamente. Esses assentamentos servem também como modelos de gestão e convivência em pequena escala, facilitando o processo de testar e mudar quantas vezes forem necessárias para o bem-estar daquele grupo (Ferreira, 2020, *online*).

Nota-se, assim, que as ecovilas representam uma alternativa promissora e inspiradora para o desenvolvimento sustentável, com foco em um estilo de vida que prioriza a harmonia com o meio ambiente, o bem-estar comunitário e a resiliência socioeconômica.

Quilombos: definição e características

Substantivo masculino de origem angolana, a palavra “Quilombo” se moldou e ganhou um novo significado na história brasileira. Na Angola, tem o sentido de um acampamento no mato. Da mesma família etimológica de *quimbundo* e *kilombo*, o quilombo traz, no Brasil, o sentido de acampamento de pessoas escravizadas ou um conjunto de forças militares que defendem um território onde são abrigados os trabalhadores das sanzalas.

No Brasil, os quilombos estão diretamente ligados a cultura mocamba. Ambas as palavras trazem o sentido de local de abrigo e habitação, mas há uma diferença quanto a sua forma. Enquanto os quilombos têm enfoque no agrupamento militar, como forma de resistência armada durante a fuga dos escravizados, os mocambos trazem a ideia de assentamento ou uma habitação mais fixa, com lavouras e abrigo a seus moradores. Após um tempo, ambos os conceitos se mesclariam, criando o quilombo como conhecido, hoje.

A definição oficial de Quilombo é antiga, datando do Brasil Imperial. Sua primeira aparição foi registrada em uma carta do Conselho Ultramarino ao Rei de Portugal, em 1740. Este conselho, criado no mesmo ano, tinha como objetivo tratar com todas as questões de territórios ultramarinos de Portugal, ou seja, as colônias do país. Em edição da Revista de Informação Legislativa, fornecida gratuitamente de forma online pelo Senado brasileiro, Filho explica:

O Conselho Ultramarino de 1740 define quilombo como ‘toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles’. Quilombo é termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta” (Filho, 2011, p. 158).

Os quilombos foram símbolo da resistência durante o período da escravidão legal no Brasil e uma forma de reação a um sistema que os condenava a morte antes da liberdade. Embora a descrição dada pelo conselho ainda seja utilizada para conceituar um quilombo, cada uma dessas comunidades teve características diferentes, resultado da junção de diferentes povos, etnias e culturas em territórios diferentes, com formações diferentes e uma pluralidade organizacional.

O professor João José Reis, do Departamento de História da UFBA, afirma:

Embora não tivessem sido as únicas formas de resistência coletiva sob a escravidão, a revolta e a formação de quilombos foram das mais importantes. A revolta se assemelha a ações coletivas comuns na história de outros grupos subalternos, mas o quilombo foi um movimento típico dos escravizados. É difícil, porém, em muitos casos, distinguir um do outro. Apesar de muitos quilombos terem se formado aos poucos, através da adesão de fugitivos individuais ou agrupados, outros tantos resultaram de fugas coletivas iniciadas em revoltas. Tal parece ter sido, por exemplo, o caso de Palmares. Ao mesmo tempo os quilombolas inúmeros vezes saíram de seus esconderijos para sublevar a escravidão de engenhos e fazendas, identificando-se perfeitamente ao que entendemos por revolta (Reis, 1995, p. 15).

A existência dos quilombos, comunidades formadas majoritariamente por escravizados das mais diversas comunidades, é um ato de resistência anticolonial e de revolta ao sistema do momento. As formações para defesa das comunidades e de desbravamento do território dominado pelos europeus demonstraram uma coragem baseada na organização de toda uma classe em uma luta anticolonialista, anti-imperialista e de revolta à situação da época. Tais comunidades se organizavam à sua maneira, em padrões diferentes dos vistos nas fazendas e nas cidades comandadas pelos colonizadores.

A formação social do quilombo deu-se como resultados de fatores internos da evolução da comunidade mocambeira. Esses fatores foram: criação da família poliândrica, a coletivização da terra, a participação direta da mulher no trabalho dos maridos, a distribuição comunitária do trabalho dos maridos, dividido em dois

setores: o setor de produção agrícola e o setor de ofícios (Lindoso, 2011 *apud* Fuzzi, 2015).

Essa definição, embora seja a mais adotada, pede por uma reforma, pois como já observado por outros estudiosos, muitos quilombos fogem dessa norma. O Quilombo Fazenda Picinguaba, em Ubatuba, por exemplo, foi um território herdado pelos escravizados livres da fazenda após a morte da proprietária das terras. Outros quilombos pelo Brasil não se adequam a essa regra, mas ainda são quilombos, classificados assim por um outro grupo de fatores e regras. Um dos críticos do modelo vigente, Alfredo Wagner Berno de Almeida, afirma:

Se pode reinterpretar criticamente o conceito e asseverar que a situação de quilombo existe onde há autonomia, existe onde há uma produção autônoma que não passa pelo grande proprietário ou pelo senhor de escravizados como mediador efetivo, embora simbolicamente tal mediação passa ser estrategicamente mantida numa reapropriação do mito de “bom senhor”, tal como se detecta hoje em algumas situações de aforamento (Almeida, 1999, p. 14-15).

Com essa visão, compreende-se o quilombo como um espaço antropológico de representação de tribos africanas e não apenas um território militarizado de defesa e subsistência (Fuzzi, 2015).

Método

A pesquisa caracteriza-se como de caráter exploratório e de abordagem qualitativa. Para o levantamento bibliográfico, foram consultados livros e artigos nacionais e internacionais, de forma on-line, através de plataformas como Scielo e google acadêmico. A pesquisa adota também a análise de documentos históricos, obtidos de forma digital e dados oriundos de sites institucionais.

Resultados e Discussão

Embora surjam de contextos históricos e culturais distintos, tanto ecovilas quanto quilombos são modelos de assentamentos humanos que refletem abordagens alternativas e comunitárias à organização social e ao uso da terra. Enquanto as

ecovilas são comunidades contemporâneas criadas como resposta aos desafios ambientais e sociais da modernidade, os quilombos são comunidades tradicionais de descendentes de escravos que se estabeleceram em áreas rurais no Brasil como forma de resistência e autonomia.

Alguns aspectos são comuns a ambos, mas divergem quanto ao surgimento ou a forma. Inicialmente, se destacada a ideia de sustentabilidade e autossuficiência em ambas as comunidades. A valorização desses elementos é muito observada na matriz de fundação de ambas as sociedades, mas a visão dos grupos quanto a sua aplicação e necessidade é diferente.

Enquanto as ecovilas buscam autossuficiência na produção local de alimentos, energia e bens sustentáveis, os quilombos historicamente desenvolveram práticas agrícolas e de uso da terra sustentáveis baseadas no conhecimento tradicional e na integração com o ecossistema local, como afirmam Cunha (2010) e Arruda (2018).

Nas ecovilas, a sustentabilidade e a autossuficiência são elementos cruciais para a ideologia que mantém essas comunidades. Já nos quilombos, esses elementos foram mais consequências do próprio processo de formação desses grupos sociais. A forma de produzir desses assentamentos, tornando-os mais sustentáveis, ocorreu em meio à fuga das grandes fazendas e centros escravistas, a necessidade de abrigo e alimentação de acesso a materiais mais complexos e manufaturados vendidos nos grandes centros.

Do mesmo modo, a noção de comunidade e cooperação é comum os dois modelos. As ecovilas promovem relações sociais saudáveis, democracia participativa e tomada de decisão comunitária, características que orientam as comunidades. Isso se deve a própria história de contracultura das ecovilas e do *Global Ecovillage Network* (2024), que veem a comunidade interligada e o bom relacionamento com a natureza como parte de sua estrutura. Já os quilombos são mais bem caracterizados pela solidariedade comunitária, laços familiares fortes e formas coletivas de organização social e econômica, que também datam de sua formação. Aqui, a cooperação e senso de comunidade não são regras acordadas de forma explícita como nas ecovilas e, sim, um acordo mútuo e silencioso de proteção e organização socio-psico-ambiental.

Essa noção de comunidade se mescla com o território ocupado pelo grupo e sua relação com o ambiente ao seu redor é fruto do mesmo processo histórico que

definiu as demais características citadas, já que tanto as ecovilas quanto os quilombos mantêm uma relação profunda e respeitosa com o território e a natureza. Para essas sociedades, o território se torna um espaço material que possibilita sua existência e, por isso, deve ser conservado e protegido pelas interações que mantêm a integridade da fauna e flora local. Mas a forma como essa interação acontece e suas motivações seguem de forma distinta uma da outra.

Para Bang (2005) e Mare (2000), o ambientalismo das ecovilas pode ser diferenciado pelo otimismo e seu propositivismo quanto às problemáticas ambientais. As ecovilas tem como parte se sua fundação uma relação com o meio ambiente de conservação, utilizando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), como plano orientador. Destaca-se dentro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável os ODS 11, 12 e 13 (Cidades e comunidades sustentáveis, Consumo e produção responsáveis e Ação contra a Mudança Global do Clima, respectivamente), como principais diretrizes propostos pelo GEN para reconhecimento e orientação das ecovilas.

Figura 7 – ODS apoiadas pelo GEN



Fonte: Global Ecovillage Network (2024).

Já os quilombos possuem uma relação mais ancestral e espiritual com o território. Embora as religiões variem de um quilombo a outro, o local onde essas comunidades se fixaram é um memorial vivo da história dos antepassados de seus

moradores e da luta antiescravista e antirracista que deu início a essas formações. A natureza servia de abrigo contra os bandeirantes que buscavam capturar os primeiros quilombolas, protegiam a comunidade e davam a ela um sustento. Hoje, parte desses territórios e a natureza em sua volta são preservados a fim de manter a história viva pela transmissão de conhecimentos e práticas tradicionais de geração em geração.

Para Wagner (2012), o que distingue as ecovilas de outras comunidades alternativas é o foco específico e explícito na sustentabilidade, ou seja, nada impede que uma comunidade ou assentamento pré-existente possa se tornar uma ecovila, basta se adequar as diretrizes propostas que guiam o modelo. As ecovilas podem ser assentamentos humanos recentes, com características próprias de sua época e contexto histórico e social, mas o modo de pensar no coletivo e na natureza as fazem ser uma forma de sociedade contemporânea e muito atual para diversos grupos.

Considerações Finais

Embora os quilombos e as ecovilas compartilhem semelhanças significativas em termos de valores e práticas relacionadas à sustentabilidade, comunidade e relação com o território, existem diferenças fundamentais em seus contextos históricos, objetivos e princípios que podem vir a influenciar a consideração dos quilombos como ecovilas.

Enquanto as ecovilas são concebidas como modelos intencionais de assentamentos humanos sustentáveis, os quilombos são comunidades tradicionais que incorporam princípios de sustentabilidade de forma ancestral e culturalmente específica. Portanto, embora os quilombos possam compartilhar muitos dos valores e práticas das ecovilas, é importante reconhecer e respeitar a especificidade e a autonomia dos quilombos como comunidades tradicionais e históricas, evitando a apropriação indevida ou simplificação de suas identidades e histórias complexas.

Referências

A.D., R. **Ecovilas | História e Origens**. Disponível em:
<<https://www.jrrio.com.br/construcao-sustentavel/ecovila-historia.html>>. Acesso em:
29 abr. 2024.

ALMEIDA, M. **Território de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro**. História Oral, v. 24, n. 2, p. 293–309, 30 set. 2021.

ARRUDA, B. **O fenômeno de ecovilas no Brasil contemporâneo**. Tese de mestrado. [s.l.: s.n.].

AUROVILLE. **The Inauguration of Auroville with the participation of 124 nations on February 28th, 1968 | Auroville**. Disponível em: <<https://auroville.org/page/the-inauguration-of-auroville>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BANG, Jan Martin. **Ecovillages: A practical guide to sustainable communities**. Edinburg (Reino Unido): Floris Books, 2005.

BRANDÃO, J. P. M. Quilombos, política federal de patrimônio e reparação. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 28, 2020.

CUNHA, E. A **Sustentabilidade Em Ecovilas: Desafios, Propostas E O Caso Da Ecovila 1 – ARCOO**. RGSA: **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 4, n. 1, p. 113–126, 30 abr. 2010.

FERREIRA, R. **O que é uma ecovila e por que morar em uma? | Viajar Verde**. Disponível em: <<https://viajarverde.com.br/o-que-e-uma-ecovila-e-por-que-morar-em-uma/>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

FILHO, T. H. **Quilombola A legislação e o processo de construção de identidade de um grupo social negro**. [s.l.: s.n.].

FONSÊCA, H. J.; SILVA, Z. P. **Vista do Quilombos: escravidão e resistência**. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6573/4833>>. Acesso em: 23 fev. 2024.

FURTADO, C. **Dialética do Desenvolvimento**. [s.l.] Fundo de Cultura, 1964.

FUZZI, L. **Memórias Quilombolas: O Bairro Do Quilombo Em São Bento Do Sapucaí Como Lugar Antropológico**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429457182_ARQUIVO_artigomemoriasquilombolas_bairrodosquilombos_ludmilapenafuzzi.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. **Ecovillages Archive - Global Ecovillage Network**. Disponível em: <<https://ecovillage.org/ecovillages/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. **What is an Ecovillage - Discover Innovative Eco Communities**. Disponível em: <<https://ecovillage.org/ecovillages/what-is-an-ecovillage/>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

GOMES, R. P. **Vista do constitucionalismo e quilombos**. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/48702/30437>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

IBGE. **São Bento do Sapucaí**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-bento-do-sapucaí/panorama>>. Acesso em: 6 abr. 2024. Institute, 2000.

MARE, E. C. A Concise History of the Global Ecovillage Movement. Village Design ONU BRASIL. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PAIVA, J. Quilombos, política federal de patrimônio e reparação. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 28, 1 jan. 2020.

PEIXOTO, M. C.; JACOBI, C. B.; BORGES-PALUCH, L. R. Comunidades remanescentes de quilombos: contribuição aos domínios físico, social, psicológico e ambiental. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 34, 29 jun. 2020.

PREFEITURA DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ. **Câmara Municipal de São Bento do Sapucaí**. Disponível em: <<https://www.camarasbs.sp.gov.br/bairro-do-quilombo>>. Acesso em: 18 out. 2023.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/quilombo>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

REIS, J. J. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. In: **Revista USP**. [s.l.] USP, 1995.

RODRIGUES, G.; RODRIGUES, G.; DOS, E. **Ecologia sem luta de classes é jardinagem**. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/12/ecologia-sem-luta-de-classes-e-jardinagem/>>. Acesso em: 17 out. 2023.

ROYSEN, Rebeca. Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.47.2013.tde-31072013-114650. Acesso em: 2024-03-25.

SCHMITT, A.; CECÍLIA, M.; CELINA, M. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 10, p. 129–136, 1 jun. 2002.

SETIC-UFSC. **O que é permacultura?** Disponível em: <<https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

Supremo Tribunal Federal. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=AD&abrirArtigo=68#:~:text=DISPOSI%C3%87%C3%>>

95ES%20CONSTITUCIONAIS%20TRANSIT%C3%93RIAS-
,Art.,emitir%2DIhes%20os%20t%C3%ADtulos%20respectivos.>. Acesso em: 4 out.
2023.

Supremo Tribunal Federal. Stf.jus.br, 2023a. Disponível em:
<[https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=AD&abrirArtigo=68#:~:text=DISPOSI%C3%87%C3%95ES%20CONSTITUCIONAIS%20TRANSIT%C3%93RIAS-
,Art.,emitir%2DIhes%20os%20t%C3%ADtulos%20respectivos.>](https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=AD&abrirArtigo=68#:~:text=DISPOSI%C3%87%C3%95ES%20CONSTITUCIONAIS%20TRANSIT%C3%93RIAS-,%20Art.,emitir%2DIhes%20os%20t%C3%ADtulos%20respectivos.>)>. Acesso em: 4 out.
2023

UNICEF. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>>. Acesso
em: 20 fev. 2024.

WAGNER, Felix. Ecovillage Research Review. In: WAGNER, Felix; ANDREAS,
Marcus (Eds.). **Realizing Utopia: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches**,
RCC Perspectives, n. 8, p. 81–94, 2012.